Os reptos e raptos da Europa

José Manuel de Vasconcelos

> Oggi la linea dell´orizzonte è scura
> e la proda ribolle come una pentola.
> (Eugenio Montale)
>
> L'Europa ci può aiutare a stare meglio al mondo.
> (David Sassoli)

Os olhares sobre a História da Europa evocam-me, por vezes, o mito de Sísifo no que nele se manifesta de aspiração e decepção, esforço e derrocada, impulso utópico e fracasso. As vicissitudes políticas e sociais do velho continente nos últimos cento e cinquenta anos, que mais directamente se projectaram no presente, a começar na guerra franco-prussiana, têm sido objecto de investigação por parte de muitos historiadores, mas também de reflexões por filósofos, escritores e artistas que procuram a consistência, a natureza, a génese e limites de uma 'ideia da Europa' e de uma 'identidade europeia', delas resultando visões maioritariamente pouco optimistas quanto ao futuro da sua almejada unidade política, ameaçada como parece estar por dissonâncias várias. O sonho inicial de uma comunidade europeia - cuja primeira formulação terá sido a de Mazzini, nos finais do século XIX, sob a expressão «Estados Unidos da Europa» - passou por atribulações e revezes históricos, chegando às concretizações surgidas após o final da guerra de 1939-1945 e aos desenvolvimentos conhecidos até hoje, mas tem-se vindo a desvanecer pouco a pouco, e a coesão indispensável para a consolidação de uma Europa unida mas que respeite a diversidade de vozes que a compõem não tem sido firme nas práticas políticas, económicas e sociais a que temos assistido. Pensar no passado, no presente e no futuro da Europa (tal como nas vidas individuais, na história dos povos essas três dimensões vivem umas nas outras, de modo indissociável), é apreciar o desfile de opiniões e acções, tantas vezes de um antagonismo incicatrizável, que vão da reanimação de razões para a defesa da continuidade de um projecto que exibe diversas feridas

José Manuel de Vasconcelos, Portuguese Association of Editors, Portugal, j.manuelvasconcelos@sapo.pt

Referee List (DOI 10.36253/fup_referee_list)
FUP Best Practice in Scholarly Publishing (DOI 10.36253/fup_best_practice)

José Manuel de Vasconcelos, *José Manuel de Vasconcelos*, © Author(s), CC BY 4.0, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3.11, in Michela Graziani, Annabela Rita (edited by), *Europa: um projecto em construção. Homenagem a David Sassoli*, pp. 103-109, 2023, published by Firenze University Press, ISBN 979-12-215-0010-3, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3

de percurso, às pedras impiedosas que a esse projecto têm sido lançadas pelos que profetizam a sua mais ou menos próxima desagregação, fundados em convicções ideológicas, primários ardores nacionalistas, ou simplesmente na descrença provocada por certa mediocridade, hipocrisia e arrogância de alguns responsáveis políticos, bem como na ineficácia de resultados e nos sucessivos exemplos de uma solidariedade falsa ou pautada por critérios desiguais, mais orientada por desígnios económicos de curto e médio prazo e por estratégias políticas em que sobressaem os meros interesses nacionais, regionais ou sectoriais, do que por razões de verdadeira ajuda humana e humanitária. As raízes das fragilidades europeias devem procurar-se em terrenos diversos, mas, sem dúvida, um olhar sobre a História do continente, sobretudo desde o final do século XIX, ajudará certamente a diagnósticos e sobretudo prognósticos, infelizmente pouco animadores. As obras de historiadores como Eric Hobsbawm e Tony Judt têm contribuído para uma utilíssima radiografia histórica da Europa recente, nas suas contradições internas e nas suas relações com o resto do mundo, dando a quem reflecte sobre os destinos dos povos que a compõem, excelentes bases para uma reflexão sóbria, nem excessivamente céptica e demolidora nem superficialmente positiva. O rosto político da Europa actual tem sombras preocupantes, rugas que não desapareceram, manchas diversas que desassossegam aqueles em que ainda resistem centelhas de optimismo crítico. As melhores reflexões literárias, quer ficcionais quer ensaísticas, sobre os múltiplos aspectos da realidade europeia, deixam transparecer certa nostalgia de um passado forçosamente irrecuperável, o que não é bom sinal, por traduzir um sentimento de desconforto, de inadequação relativamente ao presente que nos é dado viver. E não se diga que os que não escondem reservas sobre a consistência da ideia de unidade política e do futuro da Europa o fazem por observarem os factos de um ponto de vista apenas teórico, afastados dos problemas e desafios concretos que em grande parte desconhecem. Num livro publicado há menos de dez anos, Vasco Graça Moura, que para além de intelectual de indiscutível envergadura, foi político e deputado do Parlamento Europeu, escrevia sobre os pequenos e grandes desaguisados entre países europeus estas sintomáticas reflexões:

> As fraquezas de uns tornam-se o pretexto para as evasivas de outros. Os casos concretos trazem em si o germe da desagregação e da conflitualidade. A própria noção de uma identidade europeia sai prejudicada e as questões da cultura tendem a ser cada vez mais centrifugadas para um limbo de preocupações secundárias, com especial detrimento para algumas zonas periféricas (Moura 2013, 16).

É certo que as preocupações do escritor se centravam particularmente nas questões culturais, mas tinha toda a razão nisso, pois só elas podem verdadeiramente cimentar a unidade europeia e não os vectores económicos, sem dúvida muito importantes, mas circunstanciais, com prazos de validade geralmente curtos e obedecendo a lógicas e estratégias apenas de alguns países. A cultura e a educação têm sido bastante menosprezadas no que respeita à profundidade e amadurecimento dos conhecimentos, bem como na seriedade e ponderação

do trabalho reflexivo, e em sua substituição, tem vindo a ser cultivado um ensino pautado pela rapidez, cada vez mais abreviado, de natureza essencialmente tecnicista, com manifesto prejuízo para uma formação integral, por se menosprezarem as ciências humanas, esquecendo o saudável apelo às «duas culturas» (preconizadas por vários autores, na esteira da famosa formulação de C. P. Snow) e obedecendo aos ditames de uma concepção errada de formação, em ordem a servir exclusivamente os interesses económicos dominantes. As ciências humanas são parentes pobres (excepto em algumas áreas de particular interesse económico e de aplicação mais ou menos imediata), frequentemente relegadas para segundo plano nos programas escolares secundários e universitários e, ainda que sem se dizer frontalmente, tem-se vindo a negligenciar, a reduzir e mesmo a desincentivar o seu estudo. E, no entanto, a maioria dos intelectuais europeus que mais directamente pensaram a Europa, nunca deixaram de sublinhar a importância real do estudo e da reflexão de matérias que, a médio e longo prazo, visam a formação humanista dos indivíduos, condição indispensável para a rejeição da xenofobia, do racismo e dos populismos que se têm manifestado ultimamente de forma preocupante. Grandes escritores e pensadores dos problemas europeus sempre sublinharam a necessidade de uma consciência livre, em ordem a aproximarmo-nos da justiça, da solidariedade, do pacifismo e do progresso. Para isso, o europeísmo não pode basear-se num pensamento fechado, redutor e selectivo, e em nacionalismos efervescentes, tendo de prosseguir caminhos de vocação internacionalista e pacifista assentes essencialmente no culto e na prática do desenvolvimento do espírito e longe de calculismos economicistas. Desígnios estes que, no actual quadro europeu, se revelam dificílimos, para não dizer impossíveis. Romain Rolland, um dos maiores pensadores da Europa e das relações a estimular no espaço da convivência entre os povos, numa carta a Louis Gillet, cujo pensamento conservador e católico se revelava em bastantes aspectos diferente do seu - o que nunca impediu uma sólida amizade, o respeito e admiração recíprocas e um fértil diálogo -, num apelo de congregação, escreveu as seguintes palavras:

> Somos um punhado de homens dispersos pela Europa, que tratamos de vencer em nós a bestialidade do corpo e do espírito, de arrancar o homem ao nada, de fazer luzir a razão na noite destes mortos vivos [...] É preciso lutar. Não basta sermos nós próprios: há que quebrar o que impede, o que abafa e envilece a vida. É o dever de nós todos; não nos devemos esquivar, por amor da tranquilidade, com receio dos ódios suscitados» (Rolland *apud* Reis 2022, 34).

E não se tratava de meras palavras. A sua vida, numa época de grandes desvarios, ódios e confrontações terríveis, foi um exemplo admirável de coerência nas ideias, de actuação permanente e persistente racionalidade ao serviço do pacifismo e da aproximação entre os povos, nomeadamente pela fundação, em 1923, da revista *Europe*, de ampla visão europeísta e internacionalista, que ainda hoje se publica e que tem tido um papel fundamental no confronto saudável das ideias e da aproximação da diversidade, através das grandes causas do espírito e da solidariedade humana.

A uniformização é um dos grandes pecados da Europa. A simplificação redutora dos problemas e a imposição de ritmos e velocidades resultantes em grande medida dos fenómenos da globalização, que apenas servem desígnios económicos de rapacidade extrema e de curto prazo, a massificação e nivelamente dos hábitos e comportamentos, a intoxicação infocrática, os excessos de robotização, a perda de autenticidade dos lugares e das vidas é um dos problemas mais preocupantes da nossa existência enquanto cidadãos europeus. Mas, também na perspectiva económico-social, a Europa é um vasto e preocupante espaço de desigualdades. A alguns dos seus mais recentes dirigentes políticos falta, sobretudo, espírito e formação humanista, coerência intelectual e sabedoria ética. A sociedade da informação invadiu os hábitos de vida europeia, de modo desabrido, mesmo violento, e expulsou tradições de educação, formação, reflexão, informação autêntica e expressão, indispensáveis a uma sociedade equilibrada e justa, e introduziu e generalizou o simulacro, a propaganda, a comunicação estereotipada, a deformação tecnocrática, chegando frequentemente à estupidez e à boçalidade. Alguns exemplos de sensatez crítica têm-se erguido, principalmente em sectores intelectuais, mas parecem não passar de vozes bradando no deserto. É o caso notável do Instituto Nexus, fundado e dirigido pelo filósofo Rob Riemen, que muito tem feito em prol de um debate cultural permanente sobre os grandes problemas ocidentais, numa tradição fundamental de que, mais de meio século atrás, foi também exemplo o Instituto Warburg, fundado em Londres, em 1944, para o desenvolvimento da investigação na História de Arte e as projecções da antiguidade clássica na história e culturas europeias, tendo como centro o pensamento e a biblioteca de Aby Warburg, para ali transferida em 1933, perante o recrudescimento da ameaça nazi-fascista, biblioteca orientada maioritariamente para o estudo das artes visuais e das ciências humanas. O manifesto desprezo institucional pelo ensino da Filosofia no ensino secundário, a redução da História à acumulação sequencial de factos sem grandes esforços de problematização e perspectivação, a falta de estimulação do exercício crítico, o quase desprezo a que estão votadas globalmente as ciências humanas, e a prevalência organizada de saberes tecnológicos orientados para responder às exigências de rapidez, automatização e lucro dos poderosos grupos económicos, gerando uma sociedade cada vez mais fria, tecnocrática, desigual, plena de contrastes e desumana, é a lacuna essencial a que chegámos, mercê de políticas preocupadas sobretudo em servir interesses financeiros, políticos, mediáticos, e até futebolísticos, denotando um nocivo utilitarismo economicista, em detrimento de uma sociedade de valores fundada numa educação pensada para a formação crítica completa dos indivíduos. Como se afirma, com plena razão, numa passagem de um livro do já referido Rob Riemen: «As nossas universidades ensinam, sobretudo, a fazer dinheiro, não a pensar pela própria cabeça» (Riemen 2016, 82).

A Europa esqueceu em grande parte o melhor das suas origens, a sua memória, a sua génese, a matriz greco-romana, a centralidade do pensamento especulativo, a espiritualidade e a metafísica que, com todas as suas limitações e reticências inconclusivas, é a forma própria da ânsia humana se questionar e de

problematizar abstractamente o desconhecido. Percursos mentais que podem parecer inúteis aos que, ávidos de lucros, só se entregam a raciocínios calculistas e pragmáticos, mas que são o que mais profundamente caracteriza o homem como «bicho da terra tão pequeno» (Camões). A reflexão axiológica e ética foi escorraçada pelo pragmatismo e utilitarismo mais chão, as tradições de pensamento e de confronto dos saberes, a embriaguês do desconhecido - essa arena que os gregos nos deixaram desde a aurora pré-socrática, base da tradição idealista, mas também científico-cosmológica, consubstanciada na filosofia, nas religiões e no saber das ciências -, perdeu o seu pendor especulativo e abstractizante e foi substituída, com patente hipocrisia, por um tecnicismo de actuação imediata, sem dúvida útil, atentos os objectivos que persegue, mas desprovidos do encantamento e da paixão de que o homem necessita no mais fundo de si. E, no entanto, a Europa ainda não perdeu completamente o seu fascínio, ainda há aspectos que resistem e que devemos preservar, impedindo a descaracterização das culturas e a uniformização crescente que varre as diferenças entre povos, regiões, nações e abre caminho a um imperialismo cultural, bem visível na submissão linguística operada em nome da fluidez económica e dos grandes interesses do capital extra europeu.

Natália Correia, num livro de 1951 em que relata as suas impressões de uma viagem aos Estados Unidos (à América, como então se dizia, numa sinédoque bem reveladora da sobreposição de um só país ao restante continente americano), fala-nos de modo bem tocante da importância que tem a consciência das origens, sobretudo quando confrontadas com as fragilidades e contradições de um mundo em crescimento vigoroso, mas impreciso:

> Foi na América que tive a grande revelação. Levara comigo as minhas raízes europeias. Mas uma visão de contrastes e de agressivos antagonismos trouxe-me à consciência os ramos gerados na profundidade das minhas raízes. Descobri então com deslumbramento a minha posição no mundo: era EUROPEIA. E os laços temperamentais que me prendiam à família europeia, deixaram de ser líricas aspirações para se fundirem no aço dum deliberado amor (Correia 1951, 9).

Este desabafo da sempre frontal escritora portuguesa, compreende-se melhor se atendermos ao ano da publicação do livro: a guerra terminara apenas há seis anos e o sentimento de libertação e de solidariedade estava bem vivo ainda. Era o tempo de um humanismo sólido e actuante que se opunha ao mundo de contrastes fortes e de nascente agressividade que encontrou do outro lado do oceano. A Europa de que fala a escritora, vista de fora, surgia aos olhos da maioria dos portugueses como uma montra de tentações, dada a marginalização a que Portugal estava votado e que se iria agravar cada vez mais. Por outro lado, está presente nestas palavras aquele sentimento de 'despaísamento' que frequentemente se sente quando entramos em espaços grandiosos em que pressentimos a insegurança do desconhecido e a desmesura que por vezes carrega consigo um sentimento de risco e de ameaça e nos faz, pela sensibilidade imediata e sem contornos reflexivos, voltar mentalmente aos espaços que correspondem à escala das nossas vidas e dos nossos hábitos. Jean Baudillard referiu-se a isso nes-

tes termos: «A América corresponde para o Europeu, ainda hoje, a uma forma subjacente de exílio, a um fantasma de emigração e de exílio, e portanto a uma forma de interiorização da sua própria cultura» (Baudrillard 1989, 83). Oxalá continue a ter razão, mas duvido…

As épocas do pensamento dialogante, da vontade de ir às raízes dos problemas, da acção pensada eticamente, que percorre tantas importantes reflexões do passado, parece estar a desaparecer. Esse tempo, com fracturas várias e intensidades diversas, que George Steiner condensa na imagem dos cafés europeus de um passado recente, relevando neles a permanência, o convívio e o debate que representavam, está definitivamente morto. E se já o sentíamos em 2004, data da publicação do livro *The idea of Europe*, no qual encontramos o saudoso relembrar desses ambientes de proximidade socializante, hoje não temos quaisquer ilusões: os cafés de que fala com nostalgia quase idílica, não passam de um desejo perdido. E sabemos que essa Europa do encontro, do diálogo, das polémicas saudáveis, onde se escrevia, convivia e por vezes se vivia com intensidade, não existe já como vivência real, como exercício de quotidianidade. Os cafés como marcas do espírito europeu, santuários de convivialidade, de vizinhança intelectual e de saudável confronto de ideias, onde se desfrutava uma atmosfera suave e propícia ao diálogo, foram substituídos pela crueza apressada dos McDonald's e outros balcões de *fast-food*. A Europa nostálgica do grande pensador de *After Babel*, ele próprio um impressionante exemplo de abertura dialogante e ecletismo, tornou-se opaca, monocórdica, americanizando-se, no que este conceito tem de mais deplorável.

O sonho comunitário e os valores que animaram alguns dos fundadores do projecto europeu (Jean Monnet, Robert Schumann, Jacques Delors. E a estes nomes fundamentais da história europeísta, teremos de juntar o do recentemente falecido David Sassoli, personalidade humanista e político admirado e consensual) não passa hoje de uma estrutura fortemente burocratizada, uma central emissora de directivas, por vezes precipitadas, manchada por decisões irreflectidas, tantas vezes ao serviço de políticas que estão longe de responder ao interesse comum dos povos europeus, ignorando clivagens históricas e mesmo fracturas expostas, dificilmente ultrapassáveis.

A Europa de hoje não será já exactamente aquela que Hans Magnus Enzensberger descrevia nos vários capítulos do seu livro publicado em 1987, com o título bem expressivo *Ach Europa!*. A manta de retalhos de que esse livro dá conta, com a variedade de observações e de impressões resultantes de viagens a cidades tão diferentes como Helsínquia, Budapeste, Lisboa e Bucareste, deixou de existir. Muita coisa mudou (em alguns casos apenas à superfície), houve transformações de peso, mudanças de regimes e de hábitos de vida. Muitas pessoas vivem hoje melhor, do ponto de vista estrictamente material, mas o movimento que se verificou foi no sentido de uma uniformização e descaracterização cada vez maior, e não se criaram alicerces para um verdadeiro e sólido espírito de solidariedade, embora tenha havido tentativas louváveis, que logo sofreram o embate de egoísmos nacionais e o ressurgimento de racismos nunca desaparecidos. As melhorias materiais (com destaque para as verificadas em países que nunca fo-

ram ricos), desacompanhadas de políticas sérias de educação e formação ética e humanista dos indivíduos, são importantes, mas manifestamente insuficientes. A persistência de formas e modelos que já se revelaram ineficazes na consecução dos ideais de solidariedade e comunitarismo que animaram os fundadores da unidade europeia, a subserviência ancilar relativamente a estados poderosos e seus interesses hegemónicos, não será certamente o melhor caminho para a Europa. Aos seus dirigentes de hoje falta visão e determinação fundamentada no pensamento e na ética. Falta-lhes sonho. Por isso, concluo com um pensamento de Eduardo Lourenço, um dos grandes pensadores da problemática identitária da Europa, extraído do seu livro *Nós e a Europa ou as duas razões*. Trata-se mais propriamente de uma exortação que, para além de evocação literária, é um conselho fundamental de vida, para povos e pessoas singulares: «É quixotescamente que devemos viver a Europa e desejar que a Europa viva» (Lourenço 1988, 37).

Referências bibliográficas

Baudrillard, J. 1989. *América*. Lisboa: João Azevedo Editor.

Correia, N. 1951. *Descobri que era Europeia – impressões de uma viagem à América*. Lisboa: Portugália Editora.

Lourenço, E. 1988. *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: IN-CM.

Moura, V. G. 2013. *A Identidade Cultural Europeia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Reis, J. 2022. *Romain Rolland. Uma Consciência Livre*. Lisboa: edições Parsifal.

Riemen, R. 2016. *O Regresso da Princesa Europa*. Lisboa: Bizâncio.